



PRÓLOGO

Ali parada na vertente íngreme de uma montanha do Norte da Califórnia, as árvores eram altas, mas eu estava ainda mais acima delas. Instantes antes, descalçara as botas de caminhada e a do pé esquerdo caíra para o meio daquelas árvores, tendo sido, primeiro, catapultada para o ar, quando a minha mochila enorme caíra em cima dela, e, depois, com o impacto, fora arrastada pelo cascalho miúdo e solto do trilho, saltando por cima do rebordo da montanha. Ressaltara num afloramento rochoso que existia poucos metros abaixo de mim antes de desaparecer no meio do dossel da floresta, sendo-me impossível recuperá-la. Soltei um arquejo estupefacto, embora estivesse na natureza selvagem há trinta e oito dias e, nessa altura, já soubesse que ali qualquer coisa podia acontecer e que tudo me iria acontecer. Isso, todavia, não significava que não fosse um choque quando algo acontecia.

A minha bota desaparecera; desaparecera, literalmente.

Pressionei a outra bota de encontro ao peito como se segurasse num bebé, embora, claro, fosse um gesto inútil. De que serve uma bota sem o seu par? De nada. É inútil, um órfão para todo o sempre, e não podia mostrar compaixão alguma quanto a isso. Eram umas botas e tanto, umas *Raichle* de cabedal castanho com atacadores vermelhos e presilhas de metal prateadas, que tinham o peso ideal. Levantei-a bem alto e atirei-a com toda a força, vendo-a cair no meio das árvores frondosas e sair da minha vida.

Estava ali sozinha. Descalça. Tinha 26 anos e também era órfã. *Uma autêntica extraviada*, comentara um estranho umas duas semanas

antes quando lhe dissera o meu nome e lhe explicara como me sentia muito perdida neste mundo. O meu pai saíra da minha vida quando eu tinha 6 anos e a minha mãe morrera quando eu tinha 22. A seguir à morte dela, o meu padrasto deixara de ser a pessoa que eu considerava o meu pai para se tornar num homem que só ocasionalmente eu reconhecia. Os meus dois irmãos afastaram-se, isolando-se no seu desgosto pessoal, apesar dos meus esforços para nos mantermos juntos, até que desisti e também me afastei.

Uns anos antes de atirar a minha bota por cima do rebordo daquela montanha, também eu me atirara pela borda fora. Vagueara, deambulara e não parara — entre o Minnesota, Nova Iorque e o Oregon, mas também a percorrer toda a zona oeste —, até dar comigo sem botas, no verão de 1995, não tanto perdida no mundo, mas ligada a ele.

Era um mundo aonde nunca tinha ido, no entanto ficara a saber que ele sempre ali estivera e me levaria a alternar entre o desgosto, a confusão, o medo e a esperança. Um mundo que julgara ser capaz de me transformar na mulher que eu sabia poder vir a ser e, ao mesmo tempo, de me devolver a menina que um dia eu fora. Um mundo que tinha sessenta centímetros de largura por quase quatro mil e trezentos quilómetros de comprimento.

Um mundo chamado Pacific Crest Trail¹.

A primeira vez que ouvira falar dele fora apenas sete meses antes, na época em que vivia em Minneapolis e estava triste, desesperada e prestes a divorciar-me do homem que ainda amava. Encontrava-me na fila da caixa de uma loja de artigos para atividades ao ar livre à espera para pagar uma pá extensível quando peguei num livro com o título *The Pacific Crest Trail, Volume 1: California*, arrumado num expositor próximo, e li a contracapa. Dizia que o PCT era um trilho contínuo e selvagem, que ia da fronteira mexicana, na Califórnia, até para lá da fronteira canadiana, passando pelo cume de nove cordilheiras montanhosas: Laguna, San Jacinto, San Bernardino, San Gabriel, Liebre,

¹ Pacific Crest Trail, ou PCT, no original. Trilho Montanhoso do Pacífico. (NT)

Tehachapi, Sierra Nevada, Klamath e Cascades. Essa distância compreendia cerca de mil e setecentos quilômetros em linha reta, mas o trilho estendia-se por mais do dobro disso. Ao atravessar os estados da Califórnia, do Oregon e de Washington em toda a sua extensão, o PCT passa por parques nacionais e zonas de natureza selvagem, bem como por terrenos federais, tribais e de propriedade privada, atravessa desertos, montanhas e florestas tropicais e também cruza rios e autoestradas. Virei o livro e o meu olhar perdeu-se na capa — num lago juncado de pedregulhos e rodeado por escarpas rochosas recortadas contra um céu azul —, depois voltei a pô-lo no expositor, paguei a pá e saí.

Mais tarde, porém, voltaria lá para comprar o livro. Naquela época, o Pacific Crest Trail não era um mundo com o qual me identificasse, imaginando-o vaga e remotamente como um mundo cheio de promessas e de mistério. No entanto, algo despertara em mim quando, com o dedo, seguira a sua linha denticulada no mapa.

Tomei a decisão de percorrer aquela linha, ou, pelo menos, tanto quanto conseguisse em cerca de cem dias. Naquele tempo, vivia sozinha num estúdio em Minneapolis, separada do meu marido, e trabalhava como empregada de mesa, sentindo-me tão em baixo e confusa como nunca me sentira antes. Era diária a sensação de estar a olhar para cima a partir do fundo de um grande poço. Todavia, seria do seu interior que tomaria a resolução de me tornar numa caminhante solitária em plena natureza selvagem. E porque não? Já tinha sido tantas coisas. Uma mulher amada e uma adúltera. Uma filha querida, que agora passava férias sozinha. Uma pessoa ambiciosa cujo desempenho superara todas as expectativas e uma aspirante a escritora que saltava de um emprego desinteressante para outro enquanto ocupava o tempo perigosamente a consumir drogas e a dormir com demasiados homens. Era neta de um mineiro de carvão da Pensilvânia e filha de um fundidor de aço que se tornara vendedor. Depois de os meus pais se separarem, ficara a viver com a minha mãe, o meu irmão e a minha irmã num complexo de apartamentos atulhados de mães solteiras e dos respetivos filhos pequenos. Em adolescente, vivera ao estilo lá do norte montanhoso do Minnesota numa casa sem casa de banho

interior, sem eletricidade, nem água corrente. Apesar de tudo, no secundário chegara a ser chefe de claque e a ser eleita a aluna mais popular, mas depois saíra de lá para frequentar a universidade e tornara-me numa feminista de esquerda radical.

Agora, uma mulher que percorre sozinha a natureza selvagem ao longo de mil e setecentos quilómetros? Nunca eu fora dessas coisas, mas não tinha nada a perder em experimentar.

Naquele momento — enquanto estava ali parada e descalça naquela montanha da Califórnia —, parecia-me ter sido já há vários anos, numa outra vida, a sério, que tomara a decisão discutivelmente despropositada de fazer sozinha um longo percurso no PCT com o objetivo de me salvar. E fi-lo quando achei que todas as coisas por que tinha passado já me tinham preparado para essa viagem, contudo, nada o havia feito, nem podia fazê-lo, porque cada dia passado no trilho era a única preparação possível para o dia que se lhe seguiria. E, por vezes, nem mesmo o dia anterior me preparava para aquilo que viria a acontecer no seguinte, como as minhas botas desaparecerem na encosta de uma montanha, sem que pudesse recuperá-las.

A verdade é que só em parte tivera pena de ficar sem elas. Nas seis semanas que passara com aquelas botas, caminhara por desertos e extensões de neve, passara por árvores, arbustos, ervas e flores de todas as formas, cores e tamanhos, subira e descera montanhas, palmilhara campos, clareiras em florestas e terrenos que nunca conseguiria definir, além de dizer que estivera lá, pisara-os, conseguira transpô-los. E, ao mesmo tempo, aquelas botas tinham-me empolado os pés e tinham-nos deixado todos esfolados; tinham-me deixado as unhas negras e a soltarem-se com dores excruciantes em quatro dos meus dedos. Estava farta daquelas botas quando as perdi, e elas estavam fartas de mim, embora também fosse verdade que as adorava. Tinham-se tornado para mim não tanto objetos inanimados, mas extensões de quem eu era, como praticamente tudo o resto que levava comigo naquele verão — a mochila, a tenda, o saco-cama, o purificador de água, o fogão ultraleve e o pequeno apito cor de laranja que levava em vez de uma arma. Estas eram as coisas que conhecia e nas quais podia confiar, eram as coisas que me faziam seguir em frente.

Olhei para as árvores que estavam por baixo de mim, cujas copas altas ondulavam suavemente ao sabor da brisa quente. *Podem ficar com as minhas botas*, pensei, enquanto fitava a imensa extensão verde. Optara por descansar naquele sítio por causa da vista. Era um final de tarde de meados de julho e encontrava-me a alguns quilómetros da civilização, fosse qual fosse a direção que seguisse, a dias de distância da solitária estação dos correios onde iria levantar a minha próxima encomenda com as provisões suplementares. Havia a possibilidade de alguém descer o trilho a pé, mas era muito raro isso acontecer. Normalmente, passavam-se dias sem que eu visse alguém. Também não importava que aparecesse alguém. Eu estava naquilo sozinha.

Fitei os meus pés descalços e massacrados com uns vislumbres de unhas. Estavam pálidos como fantasmas até à linha bem visível, alguns centímetros acima dos tornozelos, onde habitualmente terminavam as minhas meias de lã. As barrigas das pernas, por cima delas, estavam musculadas, bronzeadas e peludas, sujas de pó e com uma constelação de nódoas negras e arranhões. Começara a minha caminhada no deserto de Mojave e não planeava parar até a minha mão tocar numa ponte que cruza o rio Columbia, na fronteira do Oregon com o estado de Washington, e que tem o pomposo nome de Ponte dos Deuses.

Olhei para norte na sua direção, e a simples evocação dessa ponte tornou-se num farol para mim. Olhei para sul, para o sítio onde tinha estado, para o território selvagem que me treinara e guiara, e meditei sobre as opções que tinha, concluindo ter apenas uma. Havia sempre só uma.

Continuar a andar.

PRIMEIRA PARTE

AS DEZ MIL COISAS

Uma queda de tamanha grandeza
devia causar estrondo bem maior.

WILLIAM SHAKESPEARE,

Antônio e Cleópatra

CAPÍTULO UM

AS DEZ MIL COISAS

A caminhada que fiz sozinha durante três meses ao longo do Pacific Crest Trail teve vários princípios. O primeiro aconteceu no preciso instante em que decidi fazê-la, ao qual se seguiu o segundo, quando tomei a decisão mais séria de a fazer, *de facto*, por fim, o terceiro grande princípio foi constituído por semanas de compras, condicionamentos e preparativos para partir. Despedi-me do emprego que tinha como empregada de mesa, concluí o processo do meu divórcio, vendi praticamente tudo o que possuía, despedi-me dos meus amigos e fui fazer uma última visita à campa da minha mãe. Depois, no meu carro, atravessei o país de lés a lés desde Minneapolis, no estado do Minnesota, até Portland, no estado do Oregon, e, uns dias mais tarde, apanhei um avião para Los Angeles e arranjei boleia até à povoação de Mojave. Daí, andei mais um bocado de carro até ao sítio onde o PCT se cruza com uma autoestrada.

Aquele seria finalmente o sítio a partir do qual essa caminhada, *de facto*, começaria. Para meu grande desespero, depressa percebi o que significava fazê-la, seguindo-se logo a decisão de desistir por me parecer um absurdo, inútil e ridiculamente difícil, bem mais difícil do que estava à espera, mas também por estar muitíssimo mal preparada para a fazer.

Em seguida, pensei que, enquanto a fizesse, podia viver todos aqueles momentos com toda a verdade.

Devia ficar ali e fazê-la, fosse o que fosse que acontecesse, apesar dos ursos, das cobras-cascavéis, dos excrementos dos leões-da-montanha que nunca vi, das bolhas, das crostas, dos arranhões e das lacerações, da exaustão e da privação, do frio e do calor, da monotonia e das dores, da sede e da fome, dos sucessos e dos fantasmas que me perseguiam à medida que ia percorrendo sozinha a pé os mil e setecentos quilômetros a partir do deserto de Mojave até ao estado de Washington.

Por fim, depois de me ter posto, realmente, a caminho e de ter percorrido todos aqueles quilômetros, durante todos aqueles dias, tive a nítida percepção de que aquilo que julgara ser o princípio afinal não o era. Na verdade, a minha caminhada pelo PCT não começara no momento em que tomara a extemporânea decisão de a fazer, mas antes mesmo de a ter imaginado sequer, mais precisamente quatro anos, sete meses e três dias antes, quando estava num pequeno quarto da Clínica Mayo, em Rochester, no Minnesota, e soube que a minha mãe ia morrer.

Estava vestida de verde. Tinha umas calças verdes, uma blusa verde e usava uma bandolete verde no cabelo. Era um conjunto que a minha mãe me tinha feito. Sempre fora ela quem confecionara a minha roupa. Algumas peças eram exatamente aquilo que sonhara ter, outras, nem tanto. Não adorava aquele fato verde, mas, mesmo assim, usava-o, como se fosse uma penitência, uma oferenda, um talismã.

Durante todo aquele dia em que andei com aquele fato verde a acompanhar a minha mãe e o meu padrasto, Eddie, entre um andar e outro da Clínica Mayo, enquanto a minha mãe fazia exames uns atrás dos outros, não parou de me ocorrer uma oração, embora *oração* não seja a palavra mais adequada para a descrever. Não me mostrava humilde perante Deus. Nem sequer acreditava em Deus. A minha oração não era: *Por favor, Deus, sê misericordioso connosco.*

Não pedia misericórdia, porque não precisava de o fazer. A minha mãe tinha 45 anos e, aparentemente, estava bem. Durante bastantes anos, fora sobretudo vegetariana. Plantava malmequeres por todo o jardim para repelir os insetos e não ter de usar pesticidas. Eu e os meus irmãos éramos obrigados a engolir dentes de alho

crus quando nos constipávamos. Pessoas como a minha mãe não adoeciam de cancro. Os exames da Clínica Mayo haviam de o comprovar, refutando aquilo que os médicos de Duluth tinham dito. Tinha a certeza disso. Afinal, quem eram aqueles médicos de Duluth? O que era Duluth? *Duluth!* Duluth não passava de uma vila rústica e gelada cujos médicos pareciam não fazer ideia nenhuma do que diziam quando garantiam que uma vegetariana de 45 anos, que comia alho e usava remédios naturais, tomados pelos não-fumadores, tinha um cancro do pulmão num estágio já muito avançado.

Que se fossem lixar.

Era esta a minha oração: *Vão-selixarvão-selixarvão-selixar.*

E, apesar disso, ali estava a minha mãe na Clínica Mayo completamente esgotada se tivesse de ficar de pé mais de três minutos.

— Queres que te arranje uma cadeira de rodas? — perguntou-lhe o Eddie quando chegámos a uma fileira delas arrumadas num corredor muito comprido e alcatifado.

— Ela não precisa de nenhuma cadeira de rodas — respondi.

— É só por um bocadinho — disse a minha mãe, quase a desfalecer para cima de uma delas e com os seus olhos a encontrarem os meus antes de o Eddie começar a empurrá-la, já sentada numa, até ao elevador.

Segui-os, sem me permitir pensar fosse no que fosse. Finalmente, subíamos para irmos ao encontro do último médico. O *verdadeiro médico*, como continuávamos a referir-nos a ele. Aquele que teria na sua posse todos os exames que lhe tinham feito e nos iria dizer a verdade. Assim que o elevador começou a subir, a minha mãe estendeu o braço para puxar pelas minhas calças e friccionar-lhes o algodão verde preso entre os dedos, como se aquela fosse uma propriedade sua.

— Perfeito — disse.

Eu tinha 22 anos, a mesma idade que a minha mãe tinha quando engravidara de mim. Pensei que iria deixar a minha vida na mesma altura em que eu chegara à sua. Por alguma razão naquele momento aquela frase ocorreu-me assim por inteiro, afastando por um bocado a oração *Vão-se lixar*. Quase gritei de angústia. O que eu já sabia,

antes mesmo de o ouvir, provocou-me um aperto estrangulador na garganta. Viveria o resto da minha vida sem a minha mãe. Fiz tudo para afastar de dentro de mim essa possibilidade. Naquela altura não podia permitir-me acreditar nisso, e menos ainda naquele elevador, e continuar a viver, por isso optei por acreditar noutras coisas, como, se um médico tivesse de comunicar a um doente que, em breve, iria morrer, levá-lo-ia para uma sala com uma secretária de madeira lustrosa.

Simplesmente, não seria isso o que aconteceria.

Fomos levados para um gabinete de observação onde uma enfermeira disse à minha mãe para despir a blusa e vestir uma bata de algodão com atilhos pendentes aos lados. Depois de a minha mãe o ter feito, subiu para uma marquesa coberta com papel branco. Sempre que se mexia, o gabinete ecoava com o barulho do papel a rasgar-se e a amarrotar-se debaixo dela. Via-lhe as costas nuas e a pequena curva de carne abaixo da cintura. Ela não ia morrer. As suas costas despidas pareciam prová-lo. Era o que os meus olhos fitavam quando o verdadeiro médico entrou no gabinete e disse à minha mãe que teria sorte se tivesse um ano de vida. Explicou que não iriam tentar curá-la, que a doença dela era incurável, e acrescentou que não havia mais nada a fazer. Era muito comum descobrir-se a doença numa fase muito tardia no caso dos cancros do pulmão.

— Mas ela não é fumadora — argumentei, como se isso fosse capaz de refutar o seu diagnóstico, como se o cancro evoluísse segundo diretrizes razoáveis e permutáveis. — Ela só fumou quando era nova. Há muitos anos que não pega num cigarro.

O médico abanou a cabeça mostrando-se triste e limitou-se a prosseguir. Fazia o que lhe competia. Sugeriu que se tentasse mitigar-lhe as dores nas costas com radiações, podendo estas reduzir até o tamanho do tumor, que crescia ao longo de toda a sua coluna vertebral.

Não chorei. Limitei-me a respirar. Horrivelmente. Intencionalmente. Depois, esqueci-me de respirar. Uma vez desmaiara — aos 3 anos, furiosa, sustive a respiração porque não queria sair da banheira, mas era muito pequena para me lembrar desse episódio. *O que foi que fizeste? O que foi que fizeste?*, não parei de perguntar à minha

mãe durante toda a minha infância, obrigando-a a contar-me a história montes de vezes, ficando espantada e encantada com a minha própria determinação impetuosa. Contava sempre que estendera os braços e ficara a ver-me ir ficando azul, esperando até a minha cabeça cair nas suas mãos abertas e eu inspirar e recuperar os sentidos.

Respira.

— Posso montar o meu cavalo? — perguntou a minha mãe ao verdadeiro médico. Estava sentada com as mãos apertadas uma na outra e os tornozelos entrelaçados. Manietara-se.

Em resposta, ele pegou num lápis, segurou-o em pé sobre a beira do lavatório e bateu com força na superfície. — A seguir à radiação, a sua coluna vertebral estará assim — respondeu-lhe. — Um movimento brusco e os seus ossos podem esmigalhar-se como um biscoito seco e estaladiço.

Fomos à casa de banho das senhoras e cada uma se fechou num compartimento individual a chorar. Não trocámos uma única palavra, não por nos sentirmos muito sozinhas na nossa amargura, mas por estarmos muito unidas nela, como se fôssemos um único corpo em vez de dois. Eu conseguia sentir o peso da minha mãe encostada à porta, com as mãos a baterem devagarinho nela, fazendo com que toda a estrutura das divisórias abanasse. Algum tempo depois, saímos para lavar as mãos e a cara e olhámo-nos pelo espelho reluzente.

Mandaram-nos esperar na farmácia. Sentei-me entre a minha mãe e o Eddie vestida com o meu fato verde e a bandolete verde milagrosamente imóvel no cabelo. Um rapaz já crescido e careca estava sentado ao colo de um homem idoso. Havia uma mulher cujo braço se agitava convulsivamente a partir do cotovelo. Ela segurava-o com força com a outra mão, tentando conter-lhe os tremores. Ela esperava. Nós esperávamos. Uma mulher bonita de cabelo escuro estava sentada numa cadeira de rodas e usava um chapéu carmesim e uma mão-cheia de anéis de diamantes. Não conseguíamos desviar os olhos dela. Falava em espanhol para as pessoas que se iam juntando à sua volta, da família e talvez do próprio marido.